

# “Temos de dar ênfase a questão educacional”

Abaixo, o discurso do presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, na cerimônia de posse do Conselho Nacional de Educação.

“Eu não vou fazer discurso, não. Quero só expressar a minha satisfação por poder contar com a cooperação de tão representativos personagens, como os senhores, que foram nomeados a partir — como disse o ministro Paulo Renato — de várias indicações. Naturalmente, tem de haver uma certa triagem, uma certa escolha do presidente, mas foi baseada em alguma coisa que não fosse manipulável politicamente, que não fosse um órgão para servir, como já foi referido aqui também, a um governo, mas que fosse para servir a educação.

Eu me alegro de os ver. Muitos dos senhores são conhecidos antigos. Até ex-alunos tenho aqui, e vários colegas. Mas, ao serem apresentados a mim, notei que têm uma ampla representação regional e também de níveis de ensino e de tendências, o que me parece positivo.

Eu acho que nós temos que colocar muita ênfase na questão educacional e não, em palavras. O

ministro Paulo Renato tem feito um trabalho extraordinário nesse sentido de rever as tendências tanto no sentido de gastar todos os recursos federais somente num nível de ensino, importância ao ensino básico, ao ensino fundamental, mas, também, no sentido de que nós vemos descentralizar efetivamente o problema educacional brasileiro.

Não cabe ao governo federal transformar-se, aqui, num gestor de cada decisão a nível local, nem de estar-se intrometendo nos níveis municipais, estaduais e nas autonomias universitárias. Cabe ao governo federal definir a filosofia, dar os recursos e, dentro do possível, controlar para que a execução seja correta — uma execução que leve em consideração os objetivos que o país tem em matéria educacional — e, sobretudo, quebrar elos clientelistas. Custe o que custar, nós estamos quebrando esses elos com muitas dificuldades, não tanto do setor educacional como em outros setores, mas nós estamos quebrando, porque isso significa quebrar o poder das burocracias e de setores anacrônicos da vida política brasileira.

Todas as vezes em que eu digo isso, naturalmente, no dia seguinte, há repercussões negativas: ‘O que o presidente está dizendo não é verdade...’ Eu vou continuar dizendo. Vou continuar dizendo porque é preciso quebrar o clientelismo, que é uma política anacrônica que se serve dos meios públicos e não os utiliza para o serviço pú-

blico, e que, por sorte, isso não tem mais apoio no Congresso Nacional, que percebeu que é preciso mudar, que é preciso ter uma atitude diferente, que nos temos de prestar mais atenção às políticas do que aos políticos. E a função de quem exerce o poder público e de encorajar políticas que tenham sustentação na sociedade e que sirvam, efetivamente, para beneficiar o País.

Eu acredito que não há nada mais importante — e eu sublinho — nada mais importante do que uma transformação educacional. A saúde — cadê o professor Ezio Cordeiro? —, que é fundamental, só terá eficácia, na medida em que ela vier a ser, como vai se transformar crescentemente, num Ministério da Saúde orientado para a prevenção, se houver educação. Senão, é inviável mesmo uma outra questão fundamental, como é a questão da saúde.

E assim, no que diz respeito as outras esferas da sociedade brasileira, educação é fundamental. E isso, hoje, não são palavras, não é o presidente, ou o vice-presidente, ou ministros que dizem. São questões que tem a ver com o sentimento de todos nós, brasileiros.

Eu agradeço muito e espero, firmemente, que, com essa cooperação, nós possamos dar um grande impulso na direção de restabelecer, para a educação, uma posição de centralidade nas decisões nacionais.”

7 FEV 1996

7 FEV 1996